

O naufrágio português mais antigo na Austrália

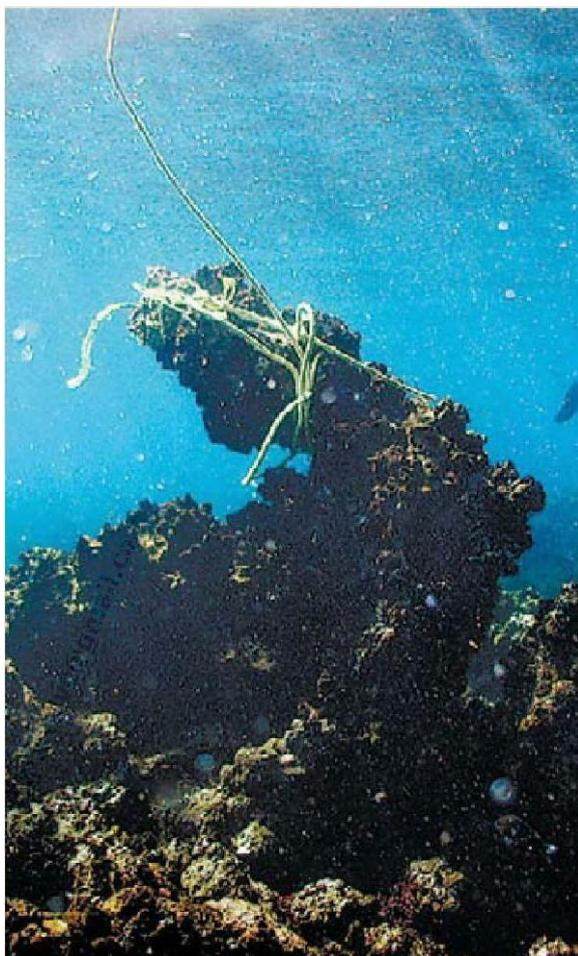
Investigação. Arqueólogo da Universidade Nova de Lisboa confirmou identificação de destroços encontrados em 2004 como sendo da galera 'Correio da Ásia'

FILOMENA NAVES

A galera portuguesa *Correio da Ásia*, que transportava uma preciosa carga de 106 500 moedas – quase três toneladas de prata –, naufragou junto à costa australiana, a 26 de novembro de 1816, quando rumava a Macau. Nunca mais se soube dela e as coisas ficaram por aí se Luís Beltrão, o piloto do brigue *Emília* que no ano seguinte tentou encontrar a galera naufragada, não tivesse publicado o relato dessa infrutífera demanda. A sorte e as voltas da História levaram essas notas de viagem até ao Western Australian Museum (WAM) em 1987, e aí iniciou-se uma busca de quase duas décadas que desembocou agora numa certeza: os restos de um naufrágio recuperados em 2004 no recife de Ningaloo, ao largo de Point Cloates, a sul do Cabo Noroeste da Austrália, que se suspeitava pertencerem à antiga galera portuguesa, são mesmo dela.

“Conseguimos confirmar a identidade do navio e ao mesmo tempo comprovámos que é a mais antiga embarcação portuguesa que se conhece naufragada junto à Austrália”, explica o arqueólogo Alexandre Monteiro, do Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, que desde 2004 colabora no estudo dos destroços com Jennifer Rodrigues, do WAM. Foi a inesperada descoberta que ele fez, entretanto, na Sociedade de Geografia de Lisboa do arquivo quase intacto do armador português proprietário desse navio que acabou por ser decisiva neste desfecho.

Entre a Austrália e Portugal, este achado e o seu estudo envolveram longas buscas no mar, no recife de Ningaloo, e depois uma peregrinação em Portugal, de arquivo em arquivo, que conduziu Alexandre Monteiro a uma verdadeira arca



Um dos canhões a ser recuperado do fundo

do tesouro: ao registo praticamente completo dos navios, atividades comerciais, rotas marítimas, cargas, tripulações, datas, e muito mais, do armador português oitocentista José Nunes da Silveira, sediado em Lisboa, que se sabia ser o proprietário do *Correio da Ásia*.

A análise da documentação encontrada nesse arquivo referente à galera, 230 folhas manuscritas em que tudo está de-



talhado, e a avaliação das moedas e dos canhões recolhidos no local onde foram encontrados os destroços em 2004, permitiram a confirmação da sua identidade como sendo do *Correio da Ásia*.

Alexandre Monteiro e Jenniffer Rodrigues vão apresentar este último resultado na conferência anual da Society for Historical Archaeology, em Leicester, no Reino Unido, em janeiro.

WESTERN AUSTRALIAN MUSEUM

Moedas estavam aglomeradas e foram tratadas



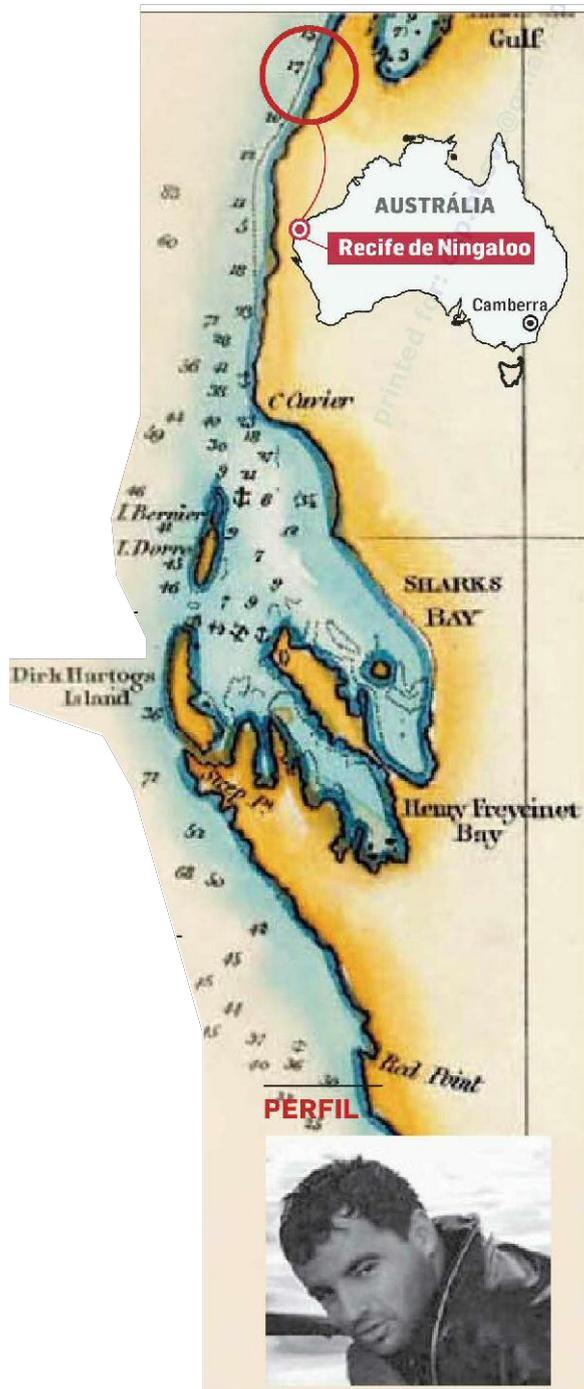
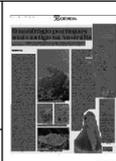
Uma das moedas de prata já recuperada

Foi só em 1987, quando o então diretor do Western Australian Museum, Graeme Henderson, arrematou em leilão o livro de Luís Beltrão, que o antigo naufrágio reemergiu na História. Depois disso, uma busca no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, recuperou em 1995 o protesto do naufrágio, que tinha sido feito em Macau, a 25 de Janeiro de 1817, pelo comandante da galera afundada, João Joaquim Freitas. Este tinha sobrevivido, com um grupo de marinheiros, ao desastre. Mas nem assim, comparando localizações, se conseguiam encontrar os destroços.

As coisas só mudaram quando o museu australiano conseguiu a colaboração de uma companhia holandesa que disponibilizou um magnetómetro. Num avião, uma equipa sobrevooou toda a vasta região do recife e, em abril de 2004, foram detetadas anomalias compatíveis com o afundamento de um navio.

Assim se verificou. Num local a apenas quatro metros de profundidade foram encontrados destroços e recuperados uma âncora, dois canhões e mais de mil moedas de prata, que condizem com a descrição da carga encontrada posteriormente por Alexandre Monteiro em Lisboa. "Não há nenhuma moeda posterior a 1816 e são todas posteriores a 1813", sublinha Alexandre Monteiro.

Quanto ao arquivo do armador português, que contém dezenas de milhares de folhas e abarca o período entre 1782 e 1833, "ele é uma verdadeira preciosidade", confirma o arqueólogo. Constitui um manancial de informação que permitirá reconstituir de forma nítida as viagens marítimas comerciais portuguesas dessa época.



O armador português José Nunes Silveira



ALEXANDRE MONTEIRO

- › Arqueólogo
- › É professor e investigador em arqueologia subaquática da Universidade Nova de Lisboa
- › Tem 44 anos

› Fez Biologia na Universidade dos Açores mas mudou de rumo. Licenciou-se em arqueologia e está a fazer o doutoramento na mesma área. É especialista em arqueologia subaquática. Foi o responsável pela Carta Arqueológica Subaquática dos Açores e está a fazer também a do concelho de Grândola e a do Sultanato de Oman. Tem projetos nas Caraíbas e na Austrália, neste caso, sobre o naufrágio do navio português *Correio da Ásia*.